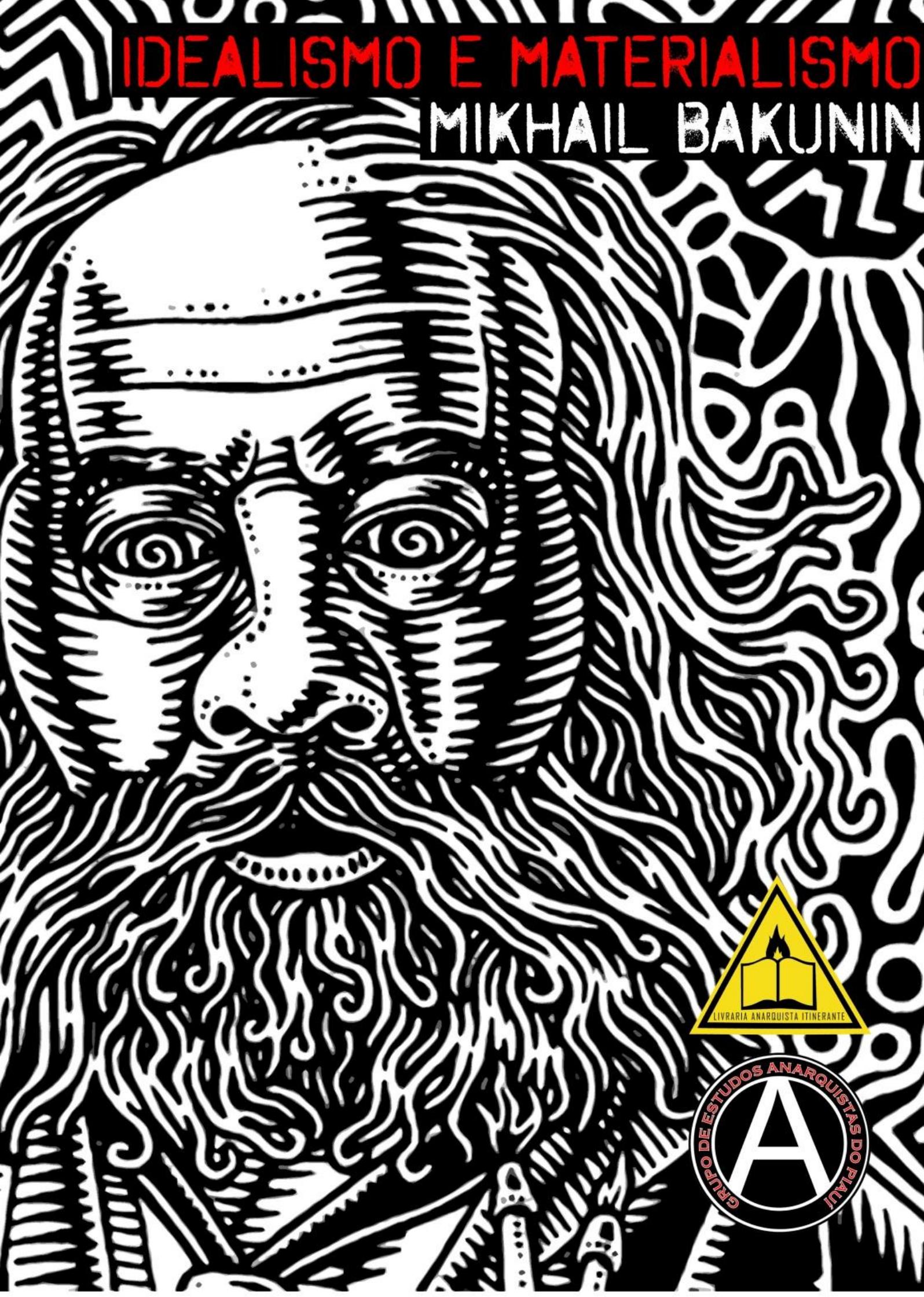


IDEALISMO E MATERIALISMO

MIKHAIL BAKUNIN



MIKHAIL BAKUNIN

Idealismo e Materialismo

Título original: Escritos de Filosofía Política. Vol. I, Cap. 2 - Idealismo y Materialismo. 1ª reimpressão. Madrid: Alianza Editorial, 1990

Tradução:
Alexandre Santos



Livraria Anarquista Itinerante



Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br/>
geapi.phb@riseup.net

SUMÁRIO

Introdução do GEAPI	05
Materialistas e idealistas na prática	06
O sistema dos idealistas	06
O caminho dos metafísicos.....	06
O método do idealismo	07
O Idealismo e o Mistério da Divindade	07
As contradições do idealismo	08
Os defensores contemporâneos do idealismo	10
O idealismo é a bandeira da força bruta.....	10
O materialismo é a bandeira de igualdade econômica e da justiça social	10
Os verdadeiros idealistas e materialistas.....	11
Pontos de divergência entre materialismo e idealismo	12
O materialismo nega o libre arbítrio e termina no estabelecimento da liberdade	12
O marxismo e suas falácias	13
Marxismo e idealismo	13
Quem está certo, os idealistas ou os materialistas?	14
O primeiro dogma do materialismo.....	15
O segundo dogma do materialismo	15
E aqui está o segundo dogma de nossa fé, ilustre mestre	16
A matéria do idealismo	16
O espírito e a matéria.....	17
A matéria dos materialistas.....	17
O materialismo não é um panteísmo	18
A matéria compreende o mundo ideal	18
Desenvolvimento do mundo material	18

Introdução do GEAPI

Saudações socialistas e libertárias!

O GEAPI, Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí disponibiliza hoje mais um capítulo do primeiro tomo do livro *Escritos de Filosofia Política*, uma compilação de textos de Mikhail Bakunin realizada por G. P. Maximoff.

No presente texto, Bakunin traça paralelos entre o idealismo e o materialismo, realizando esta análise baseado no desenvolvimento histórico do pensamento humano coletivo e trazendo características de ambos os sistemas, contrapondo a todo instante um ao outro.

Mais uma vez, impulsionamos a obra de Bakunin para demonstrar a injustiça pela qual o autor foi acusado durante dezenas de anos: A suposta falta de teoria.

Esperamos sinceramente, dentro dos nossos limites, apresentar a contradição dessa afirmação, assim como auxiliar pesquisadores e militantes a compreender um pouco mais sobre as ideias desenvolvidas por Mikhail Alexandrovich Bakunin.

Boa leitura!

Desenvolvimento do mundo material¹. O desenvolvimento gradual do mundo material, assim como da vida orgânica animal e da inteligência historicamente progressiva do homem tanto individual como social é perfeitamente concebível. Constitui um movimento inteiramente natural desde o simples ao complexo, desde o inferior ao superior, e desde baixo até o alto; um movimento conforme nossa experiência cotidiana e de acordo com nossa lógica natural, com as leis de nossa mente, a qual, ao se formar, e desenvolvido somente com ajuda desta mesma experiência, não é senão sua reprodução na mente e no cérebro, sua pauta imediata.

O sistema dos idealistas. O sistema dos idealistas é praticamente o oposto. Constitui a completa inversão de toda a experiência humana e de todo o sentido comum universal e geral, que constitui a condição necessária de qualquer entendimento entre os homens que, elevando-se desde a verdade simples e unanimemente admitida de que dois mais dois são quatro até as especulações científicas mais sublimes e complicadas sem admitir, afinal, nada que não seja estritamente confirmado pela experiência e pela observação dos fatos e fenômenos, se transforma na única base do conhecimento humano.

O caminho dos metafísicos. O caminho seguido pelos cavaleiros da escola metafísica é inteiramente diferente, e por metafísicos não nos referimos aos seguidores da doutrina hegeliana, escassos na atualidade, mas também aos positivistas e a todos os partidários atuais da deusa ciência; e, da mesma forma, todos aqueles que, precedendo por diversos meios, até pelo estudo mais árduo, ainda que necessariamente imperfeito do passado e do

¹ Os trechos em negrito são os tópicos desenvolvidos por G. P. Maximoff. Todo o resto é de autoria de Mikhail Bakunin.

presente, levantaram um ideal de organização social onde querem enquadrar todas as coisas, como na cama de Procrustes, a vida de gerações futuras; já todos os que, em uma palavra, não consideram o pensamento e a ciência como manifestações necessárias da vida natural e social, senão que reduzem nossa pobre vida até o extremo de ser ela somente a manifestação prática de seu próprio pensamento e sua própria e imperfeita ciência.

O método do idealismo. Em vez de perseguir a ordem natural do inferior ao superior, desde o mais baixo ao mais alto, desde o relativamente simples ao mais complexo, em vez de perseguir sábia e racionalmente o movimento progressivo e real, desde o mundo chamado inorgânico até o mundo orgânico, do reino vegetal, a sua continuação no reino animal, e por último, ao mundo especificamente humano; em vez de seguir o movimento desde a matéria ou a atividade química até a matéria, ou a atividade vivente, e desde a atividade vivente ao ser pensante, os idealistas, obcecados, cegos e impelidos pelo divino fantasma que herdaram da teologia, tomam precisamente o caminho oposto.

Começaram com Deus, apresentando-o como uma pessoa ou como uma substância divina, e o primeiro passo que dão é uma terrível queda desde as sublimes alturas do ideal eterno até o pântano do mundo material; da perfeição absoluta à imperfeição absoluta; do pensamento ao ser, ou melhor, do Ser Supremo à pura nulidade.

O Idealismo e o Mistério da Divindade. Quando, como ou porque o Ser Divino, eterno, infinito, absolutamente perfeito (e provavelmente entediado de si mesmo) decidiu, dar este desesperado salto mortal é algo que nenhum idealista, nenhum teólogo, nenhum metafísico nem nenhum poeta foi capaz de explicar ao laico nem de ele mesmo compreender. Todas as

religiões, passadas ou presentes, e todos os sistemas de filosofia transcendental, giram ao redor deste mistério único e iníquo.

Os homens sagrados, os legisladores inspirados pela divindade, os profetas e os messias buscaram em toda a vida, descobrir unicamente o tormento da morte. Como a antiga Esfinge, o mistério os devorou, porque seriam incapazes de explicá-lo. Grandes filósofos, de Heráclito à Platão, até Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant, Lichte, Schelling e Hegel, para não citar os filósofos indianos, escreveram enormes quantidades de volumes e construíram sistemas tão geniais quanto sublimes, onde dizem do passado muitas coisas grandes e belas, e onde descobrem verdades imortais, mas deixam este mistério o objeto principal de suas investigações transcendentais, tão insondável como antes, e se os gigantescos esforços dos mais prodigiosos gênios conhecidos pelo mundo, que ao longo de trinta séculos pelo menos, empreenderam um atrás do outro este trabalho de Sísifo, só conduziram a fazer todavia mais incompreensível este mistério, como esperar que nos seja desvelado pelas especulações, faltas de inspiração de algum discípulo pedante, ou de uma metafísica artificialmente reaquecida? E tudo isto durante um tempo em que todos os espíritos vivos e sérios se apartam da ambígua ciência que apareceu como efeito de um compromisso – sem dúvida explicável historicamente entre a injustiça da fé e a sensata razão científica.

É evidente que este terrível mistério não pode se explicar, o qual significa que é absurdo, pois só o absurdo rechaça a explicação. É evidente que quem o considere essencial, para sua vida e felicidade deve renunciar a sua razão e voltar, se puder, a fé ingênua, cega e primitiva, repetindo com Tertuliano e todos os sinceros crentes as palavras que resumem a quintessência da teologia: *Credo quia absurdum* (creio porque é absurdo). Então cessa toda discussão, e só permanece a triunfante estupidez da fé.

As contradições do idealismo. Os idealistas não tem seu forte na lógica, e poderia dizer-se que a desprezam. Esta atitude os distingue dos metafísicos pertencentes a escola panteísta e deísta e outorga a suas ideias o caráter do idealismo prático, que não extrai sua inspiração tanto de um rigoroso desenvolvimento do pensamento como da experiência quase diria que, das emoções históricas, coletivas e individuais da vida. Isto proporciona a sua propaganda um aspecto de opulência e poder vital, mas só um aspecto; porque a vida mesma se faz estéril quando se vê paralisada por uma contradição lógica.

Esta contradição consiste no seguinte: Querem a Deus, e querem a humanidade. Persistem em conectar ambos os termos que, uma vez separados, não podem vincular-se sem uma recíproca destruição. Afirmam ao mesmo tempo “Deus e a liberdade do homem” ou “Deus e a dignidade, justiça, igualdade, fraternidade e bem estar dos homens”, sem pagar tributo à lógica fatal em virtude da qual se Deus existe, todas essas coisas estão condenadas à inexistência.

Porque se Deus é, é necessariamente o Senhor eterno, supremo e absoluto, e se existe um amo semelhante, o homem é um escravo. Agora, se o homem é um escravo, nem a justiça, nem a igualdade, nem a fraternidade, nem a prosperidade são possíveis à ele.

Eles (os idealistas), desafiando a sensatez e toda a experiência histórica, podem representar o seu Deus como um ser animado pelo mais terno amor pela liberdade humana; mas um senhor, faça o que for, e por mais liberal que queira parecer, será sempre um senhor, e sua existência implicará necessariamente a escravidão de todos os que estão abaixo dele. Em consequência, se Deus existisse, só poderia favorecer a liberdade humana de um modo: Deixando de existir.

Sendo um zeloso amante da liberdade humana, e considerando-a condição necessária para tudo o quanto, admiro e respeito na humanidade, inverte o aforismo de Voltaire e digo: “Se Deus existisse realmente, seria necessário aboli-lo”.

Os defensores contemporâneos do idealismo. Com exceção dos corações e espíritos grandes, mas estragados, a quem já me referi, quem são atualmente os mais obstinados defensores do idealismo? Em primeiro lugar, todas as casas reinantes e seus cortesãos. Na França foi Napoleão III e sua esposa Madame Eugenie; foram também seus antigos ministros, cortesãos e marechais, desde Rouher e Bazaine, até Fleury e Pietri; os homens e mulheres deste mundo imperial fizeram um bom trabalho idealizando e salvando a França; jornalistas e sábios, como os Cassagnacs, os Girardins, os Duvernois, Os Veuillots, os Leverriers, os Dumas; a falange negra de jesuítas masculinos e femininos, sejam quais forem suas roupas, toda nobreza, assim como a alta e a média burguesia da França; os liberais doutrinários e os liberais sem doutrina; os Guizots, os Thierses, os Jules Favres, os Pelletans e os Jules Simons, todos eles ásperos defensores da exploração burguesa. Na Prússia, na Alemanha, é Guilherme I, atual representante do Senhor Deus sobre a Terra; todos seus generais, seus funcionários, os de Pomerania e os outros; todos são do exército que, firme em sua fé religiosa, acaba de conquistar a França do modo “ideal” que chegamos a conhecer tão bem. Na Rússia é o Czar e sua corte; os Maravievs e os Bergs, todos os carniceiros e devotos convertidos da Polônia.

O idealismo é a bandeira da força bruta. Em resumo, por todas as partes o idealismo religioso ou filosófico (pois um é simplesmente uma interpretação mais ou menos livre do outro) serve como bandeira da força material, brutal e sangrenta, da exploração material desavergonhada.

O materialismo é a bandeira de igualdade econômica e da justiça social. Pelo contrario, a bandeira do materialismo teórico, a bandeira vermelha da igualdade econômica e da justiça social, é implantada pelo idealismo prático das massas oprimidas e famélicas que tentam por em prática a mais alta liberdade e realizar o direito de cada indivíduo em fraternidade de todos os homens sobre a terra.

Os verdadeiros idealistas e materialistas. Quem são os verdadeiros idealistas, não os idealistas da abstração mas sim os da vida, não os idealistas do céu, mas sim os da terra e quem são os materialistas?

É evidente que a condição essencial do idealismo teórico ou divino é o sacrifício da lógica e da razão humana, e a renúncia da ciência. Por outro lado, ao defender as doutrinas do idealismo nos vemos arrastados ao campo dos opressores e exploradores das massas. São duas grandes razões que, ao que parece, deveriam ser suficientes para afastar o idealismo de qualquer grande espírito ou de todo grande coração. Como entender que nossos ilustres idealistas contemporâneos, a quem sem dúvida não falta nem espírito, nem coração, nem boa vontade, que tem colocado suas vidas a serviço da humanidade, persistam em estar entre os representantes de uma doutrina condenada e desonrada?

Devem ser impulsionados por motivos muito fortes.

Estes motivos não podem corresponder a lógica nem a ciência, porque a lógica e a ciência pronunciaram seu veredicto contra a doutrina idealista e é razoável pensar que os interesses pessoais não podem contar entre seus motivos, porque essas pessoas estão infinitamente por cima dos interesses particulares. Deve existir então um poderoso motivo de ordem moral. Qual? Só pode ser um: Estas pessoas tão inteligentes pensam, sem dúvidas, que as

teorias e crenças idealistas são essenciais para a dignidade e a grandeza moral do homem, e que as teorias materialistas os conduzem ao nível de besta.

Mas, e se fosse justamente o contrário? Todo desenvolvimento implica a negação de seu ponto de partida, e posto que o ponto de partida é material, segundo a doutrina da escola materialista, a negação deve ser necessariamente ideal. Começando pela totalidade do mundo real, ou pelo que se denomina abstratamente de matéria, o materialismo chega logicamente a verdadeira idealização, isto é, a humanização, a plena e completa emancipação da sociedade. Por outro lado, e pela mesma razão, o ponto de partida da escola idealista é ideal e chega necessariamente a materialização da sociedade, a organização de um despotismo brutal e uma exploração vil e iníqua nas formas da Igreja e do Estado. O desenvolvimento histórico do homem com base na escola materialista é uma progressiva ascensão, enquanto o sistema idealista não pode ser mais que uma contínua queda.

Pontos de divergência entre materialismo e idealismo. Seja qual for a questão relativa ao homem que examinemos, sempre chegaremos a mesma contradição básica entre essas duas escolas. O materialismo começa pela animalidade para chegar a estabelecer a humanidade; o idealismo começa pela divindade para chegar a estabelecer a escravidão, e condenar as massas a uma animalidade perpétua.

O materialismo nega o livre arbítrio e termina no estabelecimento da liberdade. O idealismo, em nome da dignidade humana, proclama o livre arbítrio e descobre a autoridade sobre as ruínas de toda liberdade. O materialismo rechaça o principio da autoridade, concebendo-o frontalmente como corolário da animalidade e crendo, pelo contrario, que o triunfo da humanidade - considerado pelo materialismo como o

objetivo principal e como o significado da história só pode se realizar através da liberdade. Em uma palavra, ao tratar de qualquer questão, sempre encontraremos ao idealista afundado no materialismo prático, enquanto que sempre veremos o materialismo perseguindo e realizando as aspirações e pensamentos mais ideais.

O idealismo é o déspota do pensamento, do mesmo modo que a política é a déspota da vontade. Só o socialismo e a ciência positiva mostram o devido respeito para a Natureza e a liberdade dos homens.

O marxismo e suas falácias. A escola doutrinária de socialistas, ou melhor, os comunistas estatais da Alemanha... Representam uma escola bastante respeitável, circunstancia que não a exime, sem dúvida, de cair ocasionalmente em erros. Uma de suas falácias principais é ter como base teórica um principio completamente certo quando se concebe de maneira apropriada, isto é, de um ponto de vista relativo, mas que se volta radicalmente falso quando o considera isolado das demais condições e se mantém como o único fundamento e fonte primária de todos os demais princípios, segundo acontece nessa escola.

Este principio, que constitui o fundamento essencial do socialismo positivo, recebeu pela primeira vez sua formulação científica e seu desenvolvimento do Sr. Karl Marx, chefe principal dos comunistas alemães. Constitui a ideia dominante do famoso Manifesto Comunista.

Marxismo e idealismo. Este principio se encontra em contradição absoluta com o principio admitido pelos idealistas de todas as escolas. Enquanto os idealistas deduzem todos os fatos históricos incluindo o desenvolvimento de interesses materiais e os

diversos estágios de organização econômica da sociedade e do desenvolvimento das ideias, os comunistas alemães veem em toda a história e nas manifestações mais ideias da vida humana tanto coletiva como individual, em todos os desenvolvimentos intelectuais, morais, religiosos, metafísicos, científicos, artísticos, políticos e sociais acontecidos no passado e no presente só o reflexo ou o resultado inevitável do desenvolvimento dos fenômenos econômicos.

Enquanto que os idealistas consideram as ideias como fonte produtora e dominante dos fatos, os comunistas, plenamente de acordo com o materialismo científico, mantém, ao contrário, que os fatos produzem as ideias, e que as ideias são sempre unicamente o reflexo ideais dos acontecimentos; que o conjunto total de fenômenos, os fenômenos econômicos materiais constituem a base essencial, o fundamento primário, enquanto todos os demais fenômenos intelectuais e morais, políticos e sociais aparecem como derivados necessariamente dos primeiros.

Quem está certo, os idealistas ou os materialistas? Quem está certo? Os idealistas ou os materialistas? Quando a pergunta de traça dessa forma, a dúvida resulta impossível. Indubitavelmente os idealistas estão equivocados e os materialistas estão certos. Sem dúvidas, os fatos vêm antes que as ideias, sem dúvidas, como disse Proudhon, o ideal não é senão a flor cujas raízes estão enterradas nas condições materiais de existência. Sem dúvidas, toda história intelectual e moral, política e social humana não é senão o reflexo de sua história econômica.

Todos os ramos da ciência moderna, de uma ciência minuciosa e séria, estão de acordo em proclamar esta grande verdade, básica e decisiva: O mundo social, o mundo puramente humano, a humanidade, não é senão o último e supremo desenvolvimento pelo menos no que diz respeito a nosso próprio planeta e a mais

alta manifestação da animalidade. Mas assim como o desenvolvimento implica necessariamente a negação de sua base ou ponto de partida, a humanidade é ao mesmo tempo a negação acumulativa do princípio animal no homem, e é precisamente esta negação, tão racional como natural, e racional precisamente por ser natural a um tempo histórico e lógico, tão inevitável como o desenvolvimento e a consumação de todas as leis naturais do mundo o que constitui e cria o real, o mundo e as convicções intelectuais e morais, o mundo das ideias.

O primeiro dogma do materialismo. “Mazzini” afirma que os materialistas são ateus. Nada temos que falar sobre isso porque de fato somos ateus, e nos orgulhamos disso, ao menos na medida em que pode permitir-se o orgulho a indivíduos miseráveis que como ondas se elevam por um momento e logo desaparecem no vasto oceano coletivo da sociedade humana. Nos orgulhamos disso porque o ateísmo e o materialismo são a verdade, o melhor, a efetiva base da verdade, e também porque desejamos a verdade e somente a verdade por cima de todos os demais e por cima das consequências práticas e além disso cremos que apesar das aparências, apesar das covardes insinuações de uma política de cautela e ascetismo, só a verdade trata consigo um bem-estar prático pra o povo.

Este é o primeiro dogma de nossa fé. Mas olhe adiante, até o futuro, e não para trás.

O segundo dogma do materialismo. De todas as formas, “Mazzini” não se conforma com nosso ateísmo e materialismo; deduz dele que não podemos amar as pessoas nem respeitá-las por suas virtudes; que as grandes coisas que fizeram vibrar os mais nobres corações – a liberdade, a justiça, a humanidade, a beleza, a verdade dever ser todas tiradas de nós, e que obrigando sem meta alguma nossa miserável existência – arrastando-nos mais que

andando direito sobre a terra não temos preocupação alguma salvo gratificar nossos primitivos e sensuais apetites.

E nós lhe dizemos, venerável, mas injusto mestre “Mazzini”, que está em um lamentável erro. Quer saber em que medida amamos estas coisas grandes e belas, cujo conhecimento e amor nos nega? Entende que nosso amor por elas é tão forte que de todo coração estamos doentes e cansados vendo-as para sempre suspensas em seu céu que as roubou da terra como símbolos e promessas nunca cumpridas. Já não nos contentamos com a ficção dessas belas coisas; as queremos em realidade.

E aqui está o segundo dogma de nossa fé, ilustre mestre. Cremos na possibilidade e na necessidade da miserável concretização sobre a terra; e ao mesmo tempo, estamos convencidos de que todas estas coisas que você venera como esperanças celestiais perderão necessariamente seu caráter místico e divino quando se converterem em realidades humanas e terrestres.

A matéria do idealismo. Vós pensais que havia desfeito completamente de nós chamando-nos de materialistas. Pensava que assim nos condenava e esmagava. Mas vós sabeis de onde provém esse erro sujo? O que você e nós chamamos de matéria são duas coisas totalmente distintas, dois conceitos totalmente diferentes. Sua matéria é uma identidade fictícia como seu Deus, como seu Satã, como sua alma infinita. Sua matéria é grosseria infinita, brutalidade inerte, uma entidade tão impossível como o espírito puto, incorpóreo e absoluto; os dois existem só como invenções da abstrata fantasia dos teólogos e metafísicos, únicos autores e criadores de ambos os inventos. A história da filosofia nos revelou o processo – de fato um processo simples de criação inconsciente desta ficção, a origem desta fatal ilusão histórica, que durante o vasto transcurso de muitos séculos pende gravemente,

como um terrível pesadelo, sobre as mentes oprimidas de gerações humanas.

O espírito e a matéria. Os primeiros pensadores foram necessariamente teólogos e metafísicos, pois a mente humana está constituída de tal maneira que sempre deve começar com uma grande margem de absurdos, falsidade e erros para conseguir chegar a uma pequena porção de verdade. Todo o qual não fala em favor das tradições sagradas do passado. Os primeiros pensadores, digo, tomaram a soma de todos os seres reais conhecidos por eles, incluindo eles mesmos, a soma de tudo o que lhes parecia representar a força, o movimento, a vida e a inteligência, e chamaram de “espírito”. Todo o resto de que sua mente tinha abstraído inconscientemente do mundo real, chamaram-no de matéria, e então se assombraram que esta matéria que existia somente em sua imaginação, como o próprio espírito, fosse tão inativa, não estúpida frente a seu Deus, o puro de espírito.

A matéria dos materialistas. Admitamos francamente que não conhecemos a seu Deus, mas tampouco conhecemos sua matéria; ou, melhor ainda, sabemos que nenhum dos dois conceitos existe, sim que foram criados a priori pela fantasia especulativa de pensadores ingênuos de épocas passadas. Com as palavras matéria e material queremos indicar a totalidade, a hierarquia dos entes reais, começando pelos corpos orgânicos mais simples e acabando com a estrutura e o funcionamento do cérebro dos maiores gênios; os sentimentos mais sublimes, os maiores pensamentos, os atos mais heroicos, atos de auto sacrifício, deveres tanto como direitos, a voluntária renúncia ao próprio bem-estar, ao próprio egoísmo até as aberrações transcendentais de Mazzini, assim como as manifestações da vida orgânica, as propriedades e ações químicas, a eletricidade, a luz, o calor, a gravidade natural

dos corpos, o que constitui, a nosso entender, um conjunto muito diferenciado, mas ao mesmo tempo estritamente relacionado, de evoluções dentro dessa totalidade do mundo real que denominamos material.

O materialismo não é um panteísmo. E observe-se que bem que não consideremos a esta totalidade como uma espécie de substância absoluta e eternamente criativa, ao modo, dos panteístas, mas sim como um perpétuo resultado produzido e reproduzido de novo pela concorrência de uma infinita série de ações e reações, pelas incessantes transformações dos seres reais que nascem e morrem como o seio desta infinitude.

A matéria compreende o mundo ideal. Resumirei: Indicamos com a palavra material tudo o que acontece no mundo real, dentro e fora do homem, e aplicamos a palavra ideal exclusivamente aos produtos da atividade cerebral do homem; mas posto que nosso cérebro é por inteiro uma organização de ordem material e sua função é também material, como a ação de todas as demais coisas, se deduz dele que o que chamamos de matéria ou mundo material não exclui de modo algum, mas sim que inclui necessariamente também o mundo ideal.

Materialistas e idealistas na prática. Aqui está. Um fato que merece uma atenta reflexão por parte de nossos adversário platônicos. A que se deve que os teóricos do materialismo acostumem-se a se demonstrarem na prática mais idealistas que os próprios idealistas? Este paradoxo é, de todas as formas, bastante lógico e natural. Porque todo desenvolvimento implica em alguma medida uma negação do ponto de partida; os teóricos do materialismo começam com o conceito de matéria e desembocam na ideia, enquanto os idealistas, que adotam como ponto de partida a ideia pura e absoluta, reiterando constantemente o velho mito do pecado original única expressão simbólica de seu próprio

e triste destino recaem teórica e praticamente no domínio da matéria que, ao seu entender, nos tem irremissivelmente entrelaçados em nós, e que matéria! Uma matéria brutal, ignóbil e estúpida, criada por sua própria imaginação como seu alter ego, ou como a reflexão do seu ideal.

Do mesmo modo, os materialistas, que sempre harmonizaram suas teorias sociais com o curso efetivo da história, concebem o estágio animal, o canibalismo, e a escravidão como os primeiros pontos de partida no movimento progressivo da sociedade; mas a que apontam? O que querem? Querem a emancipação, a plena humanização da sociedade; enquanto que os idealistas, adotando a premissa básica de suas especulações da alma imortal e a autonomia da vontade, terminam inevitavelmente no culto da ordem pública, como Thiers, ou no culto da autoridade, como Mazzini; isto é, no estabelecimento e a canonização de uma escravidão perpétua. Daqui se deduz que o materialismo teórico desemboca necessariamente no idealismo prático, e que as teorias idealistas unicamente encontram sua realização em um rudimentar materialismo prático.

Ontem mesmo se mostrou ante nossos olhos a prova do que acabamos de dizer. Onde estavam os materialistas e ateus? Na comuna de Paris e onde estavam os idealistas que creem em Deus? Na Assembleia Nacional. A de Versalhes. O que queriam os revolucionários de Paris? Queriam a emancipação definitiva da humanidade através da emancipação do trabalho. E o que querem atualmente? Na triunfante Assembleia de Versalhes? A degradação definitiva da humanidade sob o duplo jugo do poder espiritual e secular.

Os materialistas querem avançar, imbuídos de fé e desprezando o sofrimento, o perigo e a morte, porque veem ante eles o triunfo da humanidade, mas os idealistas sem impulso e pressagiando

unicamente espectros sangrentos, querem levar de qualquer forma a humanidade, de novo: até o lodaçal de onde saiu com tão grandes dificuldades.

Que cada qual compare e forme sua opinião.

